



## O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA PARA A FORMAÇÃO HUMANA DOS ALUNOS<sup>1</sup>

### THE EXERCISE OF TEACHING FOR THE HUMAN TRAINING OF STUDENTS

Carla Maria Leidemer Bruxel<sup>2</sup>, José Pedro Boufleuer<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Trabalho desenvolvido na disciplina de Docência na Educação Superior do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – Unijuí.

<sup>2</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências–Unijuí. Bolsista Capes.Email: carla.bruxel@sou.unijui.edu.br.

<sup>3</sup>Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – Unijuí.

#### RESUMO

O exercício da docência requer a percepção e a compreensão acerca da condição humana que marca o modo como se constituem os sujeitos mediante processos de formação. O ser humano é educado por sujeitos que o antecedem no espaço temporal de sua história. Compreender o aluno como um ser em formação e responsabilizar-se por sua educação é um dos compromissos mais importantes do docente. Este artigo tem como objetivo refletir sobre o exercício da docência para a formação dos alunos com vistas a uma educação que promova a construção de uma sociedade mais humana. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa realizada através do recurso da revisão bibliográfica. Em suas conclusões, indica para o compromisso do professor com a inserção do aluno no mundo social e cultural existente, para o que se torna fundamental uma boa comunicação, baseada no diálogo, que a ambos compromete com a construção de um mundo humano comum. É esse o desafio pedagógico com que se depara o exercício da docência.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Educação. Linguagem. Ser humano.

#### ABSTRACT

The exercise of teaching requires the perception and understanding of the human condition that marks the way in which subjects are constituted through training processes. The human being is educated by subjects that precede him in the temporal space of his history. Understanding the student as a being in formation and being responsible for their education is one of the most important commitments of the teacher. This article aims to reflect on the exercise of teaching for the training of students with a view to an education that promotes the construction of a more humane society. This is research with a qualitative approach carried out through the use of literature review. In its conclusions, it indicates the teacher's commitment to the insertion of the student in the existing social and cultural world, for which good communication is fundamental, based on the dialogue that commits both to the



construction of a common human world. This is the pedagogical challenge facing the practice of teaching.

Keywords: Learning. Education. Language. Human beings.

## INTRODUÇÃO

A educação é uma ação que é desenvolvida exclusivamente pelos seres humanos. Trata-se de um processo no qual os indivíduos aprendem a constituir-se e a comportar-se como seres humanos por meio da interação com seus semelhantes. Atualmente ouve-se muito dizer que é preciso humanizar o processo educativo e a sociedade como um todo. Neste sentido, por meio deste estudo busca-se compreender as práticas pedagógicas como uma forma de desenvolvimento de ações para a humanização dos sujeitos.

O professor tem uma responsabilidade fundamental no processo de humanização dos sujeitos. Assim, é importante compreender o papel do educador no processo de formação dos alunos como sujeitos humanos capazes de significar suas aprendizagens e experiências e de reinventar seu próprio mundo. É pertinente refletir sobre o que é a educação e sobre a sua finalidade.

Certamente cada professor tem um conceito formado sobre o que é educar e age de acordo com essa concepção em suas práticas pedagógicas. No entanto, o processo de ensino e de aprendizagem necessita comprometer-se com o seu fundamental papel: a humanização. Assim, é essencial que se pense a formação de sujeitos para a consciência das suas responsabilidades e dos seus direitos. Diante disso, o objetivo deste estudo é refletir sobre o exercício da docência para a formação dos alunos com vistas à construção de uma sociedade mais humana. A questão que orienta esta pesquisa é: quais são os aspectos que devem ser considerados na atuação docente orientada à formação humana dos alunos?

## METODOLOGIA

Quanto aos procedimentos metodológicos, utilizou-se da abordagem qualitativa e como recurso à pesquisa bibliográfica, com o intuito de entender as implicações do exercício da docência para a formação humana dos alunos, embasada na leitura de teóricos que abordam essa temática. De acordo com Gil (2002, p. 44) “a pesquisa bibliográfica é



desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. No entendimento de Gatti e André (2010) as pesquisas qualitativas se constituem numa modalidade investigativa que ajuda “[...] responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais” (p. 30). Assim, buscamos compreender a necessidade da formação dos alunos para a construção de uma sociedade mais humana.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### O sentido da educação

No exercício da docência nos deparamos com crises, pois frequentemente somos questionados e nos indagamos em relação ao sentido do ser-fazer na docência. No entanto, esta crise não é recente no âmbito educacional e nem na sociedade. Segundo Arendt (2014), as crises nos possibilitam explorar e investigar a essência das questões que nos inquietam. Em relação aos problemas educacionais, a autora entende que eles são a expressão de uma crise mais profunda da própria sociedade. Segundo Arendt (2014, p. 223),

[...] uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão. (ARENDRT, 2014, p. 223).

Dessa forma, a crise nos proporciona um espaço privilegiado para a reflexão e o diálogo acerca do trabalho docente. É preciso refletir sobre a própria crise para desenvolver a capacidade de interferir na realidade. A partir de uma crise podemos renovar a esperança de que a mudança é possível de acontecer, mas é preciso atentar ao fato de que a mudança deve vir seguida de respeito ao passado e responsabilidade pelo mundo e pelo futuro das novas gerações.

Arendt (2014) compreende a educação como um ato cujo objetivo é ensinar o mundo para as novas gerações, ou seja, dar a conhecer como é o mundo ao qual essas gerações estão adentrando. Nesse sentido, a função ética e social da educação é ensinar o mundo às novas gerações. O professor é o sujeito que apresenta o mundo aos mais novos e cria as condições



necessárias para que a criança dele se aproprie, inserindo-se.

Arendt (2014, p. 239) ressalta que

A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo. Face à criança, é como se ele fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança – Isso é o nosso mundo.

Para ensinar o mundo às novas gerações é preciso recorrer à linguagem, que é um elemento da condição humana e tem um papel importante e essencial na configuração do conhecimento e na mediação de processos de aprendizagem. Através da linguagem o ser humano se comunica com os outros, interage e se expressa, dando condições de conversar com o outro para chegar num acordo comum. O ser humano necessita estabelecer acordos e vínculos para conviver com os demais de uma forma minimamente pacífica.

Além disso, o professor necessita ter a clareza de que o ser humano é um sujeito capaz de aprender, que é o que o diferencia das demais espécies. No entanto, diante do excesso de informações no mundo atual o desafio é a construção de habilidades para compreendê-las e usá-las no cotidiano, discernindo dentre elas as que são indispensáveis e essenciais para a vida. Neste contexto, para ser um bom professor é preciso entender a condição humana, entender como a espécie humana se constitui e, principalmente, compreender a cultura, a forma de sociabilidade e os modos de ser, de viver e de pensar dos seus alunos. Assim, o ato educacional é sempre intencional e dirigido aos aprendizes e tem a pretensão de apresentar o mundo aos alunos. De acordo com Saviani (1992, p. 17), “o ato educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada sujeito singular, a humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto dos homens”. Para entender a constituição e a história do ser humano é necessário inserir-se na sua cultura.

A educação serve principalmente para que o ser humano possa conviver com o outro numa perspectiva comum, da forma mais pacífica possível, sob o menor nível de violência imputada de uns sobre outros. Pela educação o sujeito deve ser capacitado para conviver com o outro, saber dialogar e chegar num acordo comum com seu semelhante. A escola é um lugar de encontro no qual alunos e professores interagem na perspectiva da construção do conhecimento. O professor também aprende neste processo, pois educar consiste numa troca



constante. Neste sentido, o professor se põe como anterioridade, como alguém que já conhece o mundo, porque é preciso conhecer o passado para compreender a história e a condição atual da humanidade e do mundo em que se vive.

Neste sentido, educar não é apenas transmitir um saber a alguém ou instruir alguém. Educar é ter todos os cuidados necessários para uma boa formação, oferecendo as condições para que o ser humano compreenda sua condição e se desenvolva nos aspectos físicos, cognitivos e emocionais. A educação desempenha um papel fundamental na mediação entre os sujeitos e o conhecimento e se constitui como uma ação que tem a responsabilidade de apresentar o mundo aos novos integrantes. Essa responsabilidade não se limita ao ensino de conceitos e ao uso de novas tecnologias. Segundo Arendt (2014),

Não é possível educar sem ao mesmo tempo ensinar: uma educação sem ensino é vazia e degenera com grande facilidade. Mas podemos facilmente ensinar sem educar e podemos continuar a aprender até o fim dos nossos dias sem que, por essa razão, nos tornemos mais educados (ARENDR, 2014, p.246-247).

A escola é um espaço pensado para a educação em que as crianças têm seu primeiro contato com o mundo para além do seu ambiente familiar. A responsabilidade do professor é assegurar o desenvolvimento das aprendizagens das crianças para interagir neste mundo que é configurado simbolicamente e que foi construído pela humanidade ao longo da sua história. O mundo humano é constituído por sujeitos que interagem entre si e se entendem sobre seus objetos e situações que compartilham entre si.

Na escola tem-se um modo sistematizado e organizado de aprendizagem. Por isso, quem não passa pela escola não tem as mesmas oportunidades de se constituir como pessoa e certamente se depara com dificuldades para se desenvolver como sujeito histórico, cultural e social. A escola é um espaço de interação onde são ensinados conceitos e valores através da interação social e da mediação do professor. O ser humano se constitui através das suas relações com os outros e com o mundo.

No espaço escolar o professor deve educar para dar a conhecer e para ensinar o mundo e a cultura, considerando sempre que esse mundo pode ser modificado pela interação entre os sujeitos. O ser humano possui um padrão de interação, tem linguagem e seu mundo é representado através de imagens simbólicas. Todos esses elementos constituem o conteúdo da educação.



O conteúdo da educação escolar se constitui do estudo do mundo humano e esse não é um mundo natural. Ele é constituído de artifícios a partir de construções simbólicas do ser humano. O ser humano integra uma espécie animal que se inventou e que se depara com a necessidade de continuar se reinventando. Dessa forma, o mundo que foi criado artificialmente pelo humano continua sendo modificado constantemente.

Para que o homem se tornasse humano foi necessário aprender a controlar seus instintos naturais. Savater (2000) entende que o ser humano só chega a se constituir como tal por meio da educação. Em outras palavras, o homem se torna humano quando outro o educa de acordo com a cultura, a história e os modos de viver e de conviver.

O homem conserva de sua condição animal os instintos de sobrevivência, de reprodução, de defesa. No entanto, ele aprende a controlar esses instintos naturais e, ao dominá-los ou a dosá-los, ele se torna humano. Kant em uma frase muito conhecida dizia que “o homem é uma criatura que precisa ser educada”. E assim a educação também consiste em ensinar aos alunos a controlar seus instintos para conviver melhor com os outros.

As pessoas não nascem humanas, mas se tornam humanas pela influência de outros seres humanos que os antecederam no espaço temporal, razão pela qual a espécie humana necessita sempre dos cuidados de quem veio antes. Para Kant “O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele”, sendo que aqueles que antecedem uns aos outros se educam entre si.

A educação tem como objetivo não só produzir homens iguais uns aos outros, mas também criar homens capazes de inventar e reinventar o mundo que já existe. Piaget já dizia que a educação tem duas metas, sendo que

“A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe” (Piaget, 1982, p.246).

O mundo humano é constituído por sujeitos, com diferentes personalidades e identidades. Sujeitos que fazem suas escolhas, que, por sua vez, têm consequências. O ser humano é responsável por suas escolhas, não podendo, por isso, fazer o que ele bem entender, mas precisa conhecer para aprender e tomar posse deste mundo para viver melhor, sem ferir



ao outro, observando sempre a questão dos limites e do respeito em relação ao outro, considerando que o mundo é um espaço comum.

O ser humano precisa ser educado para aprender a cultura humana, a sua condição social e sua subjetividade. Já dizia Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo”. Essa expressão conhecer-se a si mesmo constitui uma reflexão acerca da própria subjetividade, de como o ser humano se constitui em relação aos outros. Cada sujeito tem sua singularidade particular, seu modo de ser e de conviver com os outros.

Quando se compreende a condição humana percebe-se também que o mundo é uma criação dos homens e que, sendo uma criação, pode ser recriado e reinventado constantemente. É preciso ter um autoconhecimento de si mesmo, conhecer as pessoas com as quais se convive no mundo, sendo que basicamente é necessário aprender para viver melhor.

Através da linguagem os seres humanos chegam a um acordo entre si, baseado numa razão que é estabelecida por eles mesmos, com o que eles podem ser bons, justos e verdadeiros. O ser humano tem um mundo que também é humano e é comum e, por conta disso, vive e aprende num constante acerto de perspectivas com os demais, diferentemente do que ocorre no mundo puramente animal em que toda ação é previamente definida através dos instintos.

### **A aprendizagem por meio de um encontro pedagógico**

O mundo que conhecemos é um artifício criado pelo ser humano através da sua capacidade de linguagem que lhe permite fazer-se entender e conviver com o seu semelhante. A aprendizagem humana resulta de uma série de fatores que se relacionam com experiências anteriores nas quais os sujeitos se constroem e se reconstroem para se desenvolver, sendo assim, um sujeito revisita suas experiências anteriores toda vez que se confronta com uma nova situação.

Para Marques, “A aprendizagem não é conformação ao que existe nem pura construção a partir do nada; é reconstrução autotranscendente, em que se ampliam e se ressignificam os horizontes de sentido desde o significado que o sujeito a si mesmo atribui” (MARQUES, 2000, p. 15). Sendo assim, o ser humano aprende a ver o mundo da forma como outro ser humano lhe apresentou esse mundo.



O mundo humano apresenta inúmeras possibilidades de escolha. O homem tem muitas opções e caminhos a seguir. Isso se deve ao fato de que o sentido da existência humana não está previamente dado. O homem se constitui como um ser inacabado que sempre busca a autorrealização. Com as escolhas que se fazem pode-se sofrer futuramente, mas já não há possibilidade de viver sem fazer escolhas. Os educadores, com vistas ao futuro da humanidade, precisam fazer escolhas pelos filhos e pelos alunos. Arendt (2014) pressupõe que é possível escolher entre educar os filhos ou, então, abandoná-los à sua própria sorte.

Savater (2000) entende que a educação não interessa aos educandos, mas, sim, aos adultos, que sabem da importância dela para uma vida humana. Os adultos devem, portanto, assumir a sua anterioridade na história e responsabilizar-se pelo mundo e pelo que as crianças e jovens podem vir a ser.

Se perguntamos às crianças e aos jovens se querem aprender ou se querem ser educados, possivelmente nem todos respondem de forma afirmativa, pois muitos ainda não têm essa consciência da importância da educação na sua formação. Da mesma forma, ainda não compreendem o papel da educação para a convivência com os outros.

Neste sentido, pensar o processo educativo a partir do desejo das crianças e dos jovens é insuficiente, pois esses ainda não têm consciência do que necessitam aprender para constituir-se como seres humanos responsáveis, críticos e atuantes na sociedade. Por isso, perguntar às crianças e aos jovens o que eles querem estudar não é uma ideia adequada. O professor tem uma responsabilidade na educação dos alunos e se constitui como um ser com anterioridade pedagógica que já conhece o mundo e sabe o que o ser humano precisa aprender, para se constituir sujeito e poder conviver com os outros.

A dificuldade da educação reside no fato de que não há um manual de instruções dizendo como se educam homens em homens, como dizia Marques (2000). Por isso que a tarefa do professor é difícil e trabalhosa, exigindo a disposição de se “incomodar”, de “comprar a briga”, já que toda aprendizagem não é natural, sendo, portanto, algo exigente de um grande esforço por parte do aluno.

O professor é o sujeito que propõe significados para a aprendizagem, orienta o processo de ensino e precisa ser exemplo para o aluno. Além disso, deve se importar com o ser humano e se constituir como o sujeito que já sabe para onde se deseja caminhar. Neste





sentido, em educação é preciso que alguém ocupe a posição de anterioridade, de pai, de professor. Não se pode renunciar a este lugar, ou delegar a outros a exigência das escolhas. Educar exige assumir-se como conhecedor e responsável pelo mundo, com abertura para o diálogo e a escuta.

Assim, no exercício da docência é imprescindível estabelecer vínculos com os alunos, acolher suas dúvidas, inquietações e expectativas. Quando o educador age desta forma encontra sentido naquilo que se faz e permite que o aluno também perceba o sentido de aprender algo.

Neste viés, a educação requer uma reflexão de caráter antropológico que considere a condição humana. Entender a condição humana é um fator indispensável para ser um bom educador. Além disso, é importante compreender a educação num sentido mais amplo dentro de um contexto antropológico, político, histórico e psicológico. A educação escolar necessita estar centrada na emancipação dos sujeitos e na promoção da sua autonomia.

A aprendizagem da leitura, por exemplo, não ocorre de forma natural, é um processo difícil que exige um esforço muito grande do aluno. A aprendizagem da leitura é um processo condicionado pelos aspectos culturais, sociais e subjetivos que foram inventados pelo ser humano. Tudo o que existe é uma invenção, foi criado pelo ser humano. E justamente em relação a esses processos inventados pelo ser humano precisa haver um encontro pedagógico no qual o adulto compartilha seu conhecimento com as crianças.

O ser humano possui seu modo próprio de se comportar em relação aos outros. É um sujeito que tem cultura, que vive em sociedade e que tem sua própria identidade, mas que vive num mundo humano comum, pois nenhum homem vive isolado do restante do mundo. Desse modo, é importante que se construa uma espécie de negociação com as novas gerações para o bem-estar da humanidade e para buscar um futuro melhor. Neste sentido, Arendt (2014, p. 247) afirma que

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, como tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda de novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tão pouco arrancar de suas próprias mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para tarefa de renovar um mundo comum.



Ressalta-se a importância de o professor compreender o mundo como um espaço aberto e inacabado, com infinitas possibilidades e caminhos e que a educação não traz consigo um manual de instruções e não tem regras previamente determinadas. São os homens que através da linguagem estabeleceram e continuam estabelecendo seus acordos e suas regras para viver bem no mundo comum. Desta forma, a condição humana está marcada pelas incertezas e as escolhas que devem ser feitas incorrem num certo risco, porém não há opção de viver sem fazer escolhas.

O sentido possível da existência humana é somente aquele posto pelo próprio ser humano através das suas escolhas. Dessa forma, os conselhos dos outros devem ser sempre considerados, no entanto a decisão final será sempre a de cada um de forma individual. Cada sujeito tem sonhos e expectativas diferentes. E cada um cria sentidos diferentes para a sua vida.

Para o ser humano, o mundo comum não está dado, nem previamente estabelecido, por isso é preciso entrar num consenso para criar o comum. Pode-se dar como exemplo a democracia, que é uma construção histórica, um acordo, um acerto de perspectivas, e ela opera porque é algo acordado de forma comum entre os sujeitos de uma determinada nação ou país.

Esses acordos são objetividades produzidas pela humanidade ao longo do tempo. Foram anos de lutas para conseguir estabelecer uma perspectiva, um acordo comum. A educação busca ensinar as crianças para inseri-las nesta objetividade estabelecida através desse acerto de perspectivas. Dessa forma, a educação pode ser vista como um ato que serve principalmente para ensinar a conviver com o outro numa perspectiva comum, de forma harmoniosa, em sentido de cumplicidade recíproca. Importa aprender a conviver e a dialogar para se chegar a um comum acordo sobre o mundo que também é comum aos sujeitos.

Bouffleuer (2007, p. 8) explicita como ocorre o processo de aprendizagem através da mediação, da fala e da escuta do outro

Aprendemos com ou por causa de um outro quando esse se dispõe a meditar sobre suas percepções em voz alta. Mas esse outro só consegue nos mover se percebemos que ele, honestamente, está testando as suas percepções, se de fato está nos fazendo “cobaias” de sua própria aprendizagem. Não nos instiga o outro que fala como ventríloquo, que repete o discurso do outro, que fala como se sua vida não estivesse em questão nessa sua manifestação. O outro só vale a pena ser escutado se ele estiver testemunhando/meditando sobre suas percepções, sobre o que aprendeu e,



ansiosamente, deseja reaprender, para o que conta com a nossa atenção, com a nossa manifestação por sim ou não, com a nossa objeção ou assentimento. O conhecimento propriamente não se explica para o outro. Isso porque, para “explicar”, o manifestante recorre ao seu próprio universo de percepções, de modo que ele “explica” apenas para si. Explicar “para o outro” pressuporia um acesso à subjetividade desse outro, a abertura de um “vaso comunicante” entre a subjetividade de um e a do outro. Todo explicar, portanto, só pode manifestar-se como uma auto-explicação, daí configurar-se como uma espécie de meditação.

No processo de ensino e de aprendizagem a explicação serve como uma autoaprendizagem da qual tanto alunos como professores podem se beneficiar. Neste sentido, percebe-se a importância de ouvir com atenção ao outro para apropriar-se de seus entendimentos. Em suas aulas os professores necessitam dar espaço ao diálogo e tratar de questões sociais, falar das suas próprias dificuldades e motivações e, inclusive, falar sobre as tragédias históricas da humanidade. É preciso educar pelo exemplo, falar e pensar sobre os problemas que estão acontecendo, pois isso faz parte do mundo comum. O professor é um protagonista na apresentação do mundo que propõe um diálogo para ensinar a tradição e para promover a convivência no mundo comum.

O papel do professor como testemunha da própria aprendizagem é proposto por Bouffleuer (2007, p. 10) da seguinte maneira:

[...] a docência é entendida como testemunho da própria aprendizagem e em que o conhecimento é visto como necessariamente baseado em sujeitos que lhe dão suporte, que lhe conferem sentido. Testemunho é aquilo que “se dá” sem se ter o controle sobre seus efeitos junto aos interlocutores. Nesse estilo o professor assume a perspectiva de uma comunicação que opera em termos de construção de aprendizagens exatamente por sua opacidade. Aqui o professor assume o pressuposto de que nós humanos não conseguimos aprender “de” alguém, mas certamente podemos aprender “por causa” de alguém. Trata-se, no entanto, de uma “causação” que depende totalmente de nós mesmos, de nossa cumplicidade em aprender.

Neste sentido, a escola é um lugar de encontro das gerações, onde conhecer o passado é essencial para compreender o mundo. Assim, educar é um processo complexo tanto para a criança quanto para o professor. Trata-se de um diálogo onde há um embate de gerações, de pensamentos que por vezes se opõem. O professor necessita contar sua história para que possa servir de instigação para o aluno fazer a sua própria história. Para incentivar alguém a estudar, o professor também deve se desafiar a pesquisar e a conhecer o novo que emerge a todo instante.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante reafirmar que a finalidade da educação é ensinar o mundo às novas gerações. Neste processo, a tarefa do professor é contar o mundo às novas gerações, que são as crianças, os adolescentes, mas para isso é necessário primeiro conhecer este mundo, gostar dele e ser responsável por ele. Além de dar a conhecer o mundo é preciso ter cuidado com as novas gerações.

Na educação há uma tarefa permanente que é a de ensinar o sujeito a ser humano, e isto não pode deixar de ser feito sob o risco de perder-se a essência da humanidade, tarefa que tampouco pode ser delegada a máquinas. Somente um ser humano que compreende o mundo pode ensiná-lo ao seu aluno de forma que ele compreenda a essência do ser humano.

O ser humano aprende com outro ser humano. A aprendizagem é um processo de reconstrução autotranscendente através do qual o ser humano se insere na cultura humana. O conhecimento transforma a vida das pessoas e a educação constrói novas possibilidades, para o que a dedicação aos estudos é fundamental. A tarefa de educar é do professor. No entanto, o aluno tem que dar sua contrapartida, aprender em perspectiva própria.

O professor busca demonstrar em seu trabalho o sentido da educação e se constitui como sujeito que produz e faz as articulações entre os conhecimentos e os saberes dos alunos para motivá-los para a aprendizagem. O professor ajuda o aluno a sistematizar e a organizar o seu conhecimento e a orientar a sua aprendizagem, ajudando a escrever a história e os rumos do futuro dos seus alunos e da própria sociedade.

Kant já dizia que educar é uma das tarefas mais duras do ser humano, pois a arte de educar consiste numa tarefa difícil e só quem é comprometido e responsável pelo mundo é que pode cumpri-la. A prática docente precisa estar centrada no testemunho da própria aprendizagem e para que o aluno aprenda e se aproprie dos conhecimentos é indispensável a disponibilidade e o comparecimento de ambos os sujeitos neste processo.

Difícilmente um aluno desmotivado compreende o sentido da aprendizagem em sua vida. O professor pode motivar o aluno, mas não pode aprender por ele. Assim, o ato educativo é um caminho de duas vias que implica na predisposição do professor para ensinar e no comparecimento do aluno. Se um dos sujeitos não se implica no processo, o ensino e a aprendizagem não ocorrem.



Neste sentido entende-se que é necessário encorajar o aluno e desafiá-lo para que aprenda e se aproprie do mundo tal como ele se apresenta, mas ao mesmo tempo saiba interagir nele e realizar as mudanças para que se torne um lugar melhor para se viver. Além disso, o exercício da docência requer o olhar para a humanidade que se encontra nos sujeitos. Por meio da educação é possível promover novos valores e gerar uma mudança de atitudes nos sujeitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. **A crise na educação**. In: *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

GATTI, B; ANDRÉ, M. E. D. A. A Relevância dos Métodos de Pesquisa Qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Vivian; PFAFF, Nicolle. **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

BOUFLEUER, J. P. O operar pedagógico sob o primado da comunicação: a pedagogia em perspectiva autofundante. In: Reunião Anual da Anped, 30, 2007, Caxambu. Anais. Caxambu: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, 2007.

MARQUES, M. O. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. 2ª edição. Ijuí: Editora Unijuí, 2000.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1976.

SAVATER, F. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 6 ed. São Paulo, Campinas: Autores Associados, 1992.